
A663

ARAÚJO, Taurino (1968-) et alli.

Signos em transe: uma fortuna crítica sobre a semiótica de Lícia Soares de Souza /Taurino Araújo et alli.

1. Literatura. 2. Crítica literária. 3. Souza, Lícia Soares de -1954. 4. Literatura – Teoria. 5. Hermenêutica. 6. Semiótica. 7. Arte. 8. Literatura comparada I. Título.

CDU 82.09

CDD 869

Índice para o catálogo sistemático:

1. Literatura – Teoria

2. Crítica literária.

Bibliotecária responsável: Maria Solange Alves de Souza Paula – CRB 5/342

SIGNOS EM TRANSE: A SEMIÓTICA DE LÍCIA SOARES DE SOUZA

TAURINO ARAÚJO¹

Como assumir as coisas — a sociedade, eu, a arte, a própria vida e a morte — nesse mundo, que tende para a desapareição do signo? WINFRIED HASSLER (p.84)

Para poder entender esse novo mundo [...] precisamos de um aparato diferente daquele que usávamos antes. Outras palavras e conceitos, porque não é apenas o mundo que mudou, mas também os modelos, gêneros e espécies no quais ele se dividia e se diferenciava (idem, p.7). JOSEFINA LUDMER²

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades. CAMÕES

Rios sem discurso

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços

¹ Autor de **Hermenêutica da desigualdade: uma introdução às ciências jurídicas e também sociais** (Del Rey, 2019), jurista e pensador brasileiro, TAURINO ARAÚJO é crítico literário, Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais. A sua *Magnum Opus* é considerada uma Epistemologia genuinamente brasileira, afora o conceito de verdade absoluta, 95 anos depois da Semana de Arte Moderna (1922).

² A epígrafe de A Árvore de SAUSSURE é uma pergunta de WINFRIED HASSLER, p. 84. LUDMER, Josefina. **Aqui América Latina: uma especulação**. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 7

em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária;
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada muda
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria
JOÃO CABRAL DE MELO NETO³

Por que signos em transe?

Em 2024, ano em que *Representação e Ideologia* de LÍCIA SOARES DE SOUZA (1994) “comemora o 30º aniversário de sua aparição sem que essa obra-prima da semiótica da *mass-media* tenha perdido um pingo da sua atualidade” — afirma WINFRIED NÖTH — identifica-se o momento para celebrarmos a imprescindibilidade e atualidade de sua obra completa.

Faremos isso a partir “do fundamento ideológico da telenovela brasileira através de uma pluralidade de perspectivas, entre as quais se destaca a da semiótica peirciana”⁴, mas, sobretudo, tendo em vista que a própria

[S]emiótica tem aplicações em campos como a comunicação, publicidade, arte, literatura, entre outros, e permite analisar como as mensagens são construídas, transmitidas e recebidas em diferentes contextos culturais e sociais. Além disso, a semiótica pode ser usada para estudar questões relacionadas ao poder, identidade e subjetividade. Em resumo, a semiótica é fundamental para compreender a forma como a linguagem e os símbolos influenciam nossa percepção e compreensão do mundo ao nosso redor⁵.

Signos em transe retrata a atualidade da reação e da superação desse fenômeno de poder, identidade e subjetividade em estado particular de instabilidade, de trânsito e de inquietação, uma remissão ao sentido original da terra em *transe* de GLÁUBER ROCHA, mas, indo além, enfatiza— nestes tempos de virtualização do mundo — a contrapartida de “atualização” desenvolvida por LÍCIA SOARES DE SOUZA com altitudes e bases de um projeto ao mesmo tempo poético, filosófico, científico e sociopolítico tanto para apreender os mecanismos de impermeabilidade e controle institucional desse poder quanto a “lógica de invisibilidade das formações sociais” que a tais mecanismos reagem e os freia, ao

³MELO NETO, João Cabral. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999, p. 350-351. **Rios sem discurso** integra a *Educação pela pedra*, de 1966.

⁴V., nesta polianteia, WINFRIED NÖTH. **Complementos a *Representação e Ideologia* de Lícia Soares de Souza**. V. também: SOUZA, Lícia Soares de. **Représentation et idéologie: les téléromans au service de la publicité**. Montréal, Les éditions Balzac, 1994.

⁵DAVI DENARDI. **O que é semiótica? E pra que ela serve no dia a dia**. Disponível em <https://revistaglifo.com.br/design-grafico/o-que-e-semiotica-e-pra-que-ela-serve/> Acesso: 3 ago. 2024

ultrapassarem a “sempiterna rede de valores”⁶, que não teriam sido concretamente contemplados ou ao “compreender a mutação contemporânea para poder atuar nela” num “cruzamento entre [telenovela e] literatura e cinema”, como destaca o prefácio de EDILENE MATOS⁷:

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis* derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a *atualizar-se*, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes.⁸

Nesse aspecto, cada vez mais,

Um signo é qualquer coisa usada para representar outra coisa. Por exemplo, em sinalizações de trânsito a cor vermelha é usada geralmente com o significado de “pare”. Ao mesmo tempo, a imagem de uma mão pode ter o mesmo significado, e mesmo a palavra “pare” tem esse significado. Apesar de terem o mesmo significado cada um desses elementos (a cor vermelha, a imagem de uma mão e a palavra “pare”) são signos diferentes. Um é um signo cromático, mas para uma sensação; a imagem é uma referência ao gesto humano usado para ordenar uma parada; e finalmente, a palavra “pare” é um signo linguístico e requer de quem vai entrar em contato com ele o conhecimento de uma língua.⁹

Logo, desde 1- Semiótica/Semiologia até 6 - Comunicação Social, aqui, o leitor encontrará também relevantes enfoques sobre 2- ensino de francês e estudos canadenses; 3-poesia canadense francófona; 4- literatura do ciclo canadiano e 5-literatura brasileira: autoficção, distopia, afrodescendência, tendo por eixo uma exaustiva análise da variada e relevante produção de LÍCIA SOARES DE SOUZA.

Em razão disso, signos em transe é um pretexto para falar (descrever e narrar) acerca do pensamento da notável semióloga, intelectual diferenciada, com indiscutível impacto nas letras e no universo ensaístico deste planeta, poeta entre o “estranhamento desconfortável (náusea) e a sua dor irreparável (angústia) diante dos acontecimentos vividos pela existência humana”¹⁰, diria FÁTIMA BERENICE, de quem tomo emprestado o excerto de tal justificativa a partir do poema *Eu quis abraçar o mundo com os dedos*:

⁶ SOUZA, Lícia Soares de. **Pragmática pós-metafísica: o infradireito na literatura e cinema brasileiros**. Curitiba: Appris Editora, 2020, p. 207.

⁷ Idem. Sobre o cruzamento entre literatura e cinema v. conclusão do prefácio de EDILENE MATOS: “diálogo que fecha o livro, mas abre o debate”.

⁸ LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, Coleção Trans, 1996, pp. 12 “compreender a mutação contemporânea para poder atuar nela”, e 15.

⁹ Idem.

¹⁰ LÍCIA SOARES DE SOUZA, Salvador, 23 de abril de 1954, semióloga, poeta, ensaísta e romancista, é Professora Emérita da Universidade da Bahia (UNEB), Professora permanente do Programa de Pós-Graduação Crítica Cultural da UNEB, membro do Centro de Estudos em Literatura Quebequense (CRILCQ). Vice-presidente da Association Internationale d’Études Québécoises, para as Américas. Oficial da

Não te abales!
Para além desta ferocidade assustadora,
eu soprarei um ritmo,
em que nossos dedos e dentes
se empoderem,
e atenuem as expressões de assombro deste tempo¹¹.

É, também “sem abalo para além [dessa] ferocidade assustadora”, que a semiótica de LÍCIA SOARES DE SOUZA supera a radicalidade proposta por ROLAND BARTHES de que não “somente os fonemas, as palavras e as articulações sintáticas estão submetidos a um regime de liberdade condicional, já que não podemos combiná-los de qualquer jeito”, quando mais não fosse, em razão dos 6 blocos de estudo ora apresentados, a apontar possibilidades e saídas sobre as tais manifestações de poder, identidade, subjetividade e virtualidade, em estado particular de instabilidade:

[T]odo o lençol do discurso que é fixado por uma rede de regras, de constrangimentos, de opressões, de repressões, maciças ou tênues no nível retórico, sutis e agudas no nível gramatical: a língua aflui no discurso, o discurso reflui na língua, eles persistem um sob o outro, como na brincadeira de mão. A distinção entre língua e discurso não aparece mais, senão como uma operação transitória – algo, em suma, a “abjurar”.¹²

Tomado em qualquer de seus sentidos, esse “abjurar” assemelha-se à atualização proposta por PIERRE LÉVY, que constitui o comportamento/programa de LÍCIA SOARES DE SOUZA, pois, aqui,

[O] virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, ao estático e já construído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanham uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização. Esse complexo problemático pertence à entidade considerada e constitui inclusive uma de suas dimensões maiores. O problema da semente, por exemplo, é fazer brotar uma árvore. A semente “é” esse problema mesmo que não seja somente isso. Isto significa que ela “conhece” exatamente a forma da árvore que expandirá finalmente sua folhagem acima dela. A partir das coerções

Ordem do Rio Branco, condecoração do Itamaraty por serviços prestados no exterior à cultura nacional (Canadá, França, Alemanha). Colaboradora do Programa Pós-Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), professora associada da Universidade do Quebec em Montreal, pesquisadora do CNPq, Doutora em Semiótica pela Universidade do Quebec, publicou vários livros em semiótica narrativa no Brasil, Canadá e Alemanha, entre outros: *Introdução às Teorias Semióticas* (Vozes, 2006) e *Literatura e Cinemas, Traduções Intersemióticas* (EDUNEB, 2009). Conforme enunciado acima, a sua Magnum Opus é *Représentation et idéologie: les téléromans au service de la publicité*. Montréal, Les éditions Balzac, 1994, conforme acentuam WINFRIED NÖTH e ROVENTA-FRUMUSANI, Daniela. 1996. *Représentation et idéologie: Les téléromans au service de la publicité. Réseaux: Communication – Technologie – Société*, Lannion, v. 14, n. 76, p. 178-180.

¹¹SOUZA, Lícia Soares de. **Vozes em luta: poemas para vencer a solidão**. Rio de Janeiro: Autografia, 2020. V. também FÁTIMA BERENICE. **Une poétique des voix qui luttent pour vaincre le silence de la foul**, aqui.

¹² BARTHES, Roland. **Aula**: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moysés. Cultrix: São Paulo. 2004, 11 ed, p. 31-32.

que lhes são próprias deverá inventá-la, coproduzi-la com as circunstâncias que encontrar.¹³

É inegável que a produção de LÍCIA SOARES DE SOUZA, ora analisada por 40 comentadores, efetivamente contribui em nomear as coisas dissimuladas e, dessa forma, rearticula, através da língua, uma proveitosa fusão discurso-língua com vistas à “atualização” e compreensão das coisas, atribuindo-lhes renovados sentidos, e aguçando na inteligência do leitor possibilidades novas.

Tal acontece diante da análise das próprias adversidades da 1- Semiótica/Semiologia e da 6 - Comunicação Social, enquanto campos teóricos de aplicação; do ensino e do aprendizado de línguas e bem assim da sua presença no Quebec, retratados nos enfoques sobre 2- ensino de francês e estudos canadenses, bem como através de um específico mergulho na 3-poesia canadense francófona. Na sequência, temos, finalmente, a volta às origens existenciais da homenageada no que se refere à 4- literatura do ciclo canadense e a sua 5-literatura brasileira: autoficção, distopia, afrodescendência.

Aliás, exemplo desse fio condutor, LÍCIA SOARES DE SOUZA produziu sozinha e com a participação de seus pares numerosos escritos e *lives* no transcurso da Covid 19 o que, de igual sorte, transparece em suas diversas descrições e narrativas a exemplo do *Não me deixe só*, uma exortação de linguagens, um pacto de eticidade. São amplíssimos e úteis, em decorrência disso, os usos da semiótica no dia-a-dia, principalmente em tempos de avanço da virtualidade e, até mesmo, da inteligência artificial:

Também existem estudos semióticos na neurociência, que busca compreender como o cérebro interpreta os signos; a biologia, que estuda a comunicação nos seres vivos; na computação, buscando criar sistemas que consigam imitar a comunicação humana e se comunicar com os seres humanos em uma linguagem fácil de entender, além, é claro, da inteligência artificial¹⁴.

Destarte, numa época cheia de muitas informações (inclusive, virtuais) e de poucos significados acessíveis — diria JEAN BRAUDILLARD — busca-se, em vez disso, a “resposta dada por um indivíduo, de mais sensibilidade ou mais penetração do que a média, aos inúmeros problemas que ele vê ou pressente em si, nos outros ou no grupo”¹⁵, na esperança de que se produzam novos e relevantes sentidos, em termos de hominização, aguçando-se a inteligência do leitor, como postula PIERRE LÉVY:

¹³ LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, Coleção Trans, 1996, p. 16.

¹⁴ DAVI DENARDI. **O que é semiótica? E pra que ela serve no dia a dia.**

¹⁵ RAMASSOTE, Rodrigo Martins. Inquietudes da crítica literária militante de Antonio Candido. **Tempo social**, v. 23, p. 41-70, 2011, p.47.

Desde suas origens mesopotâmicas, o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico. Essa entidade virtual atualiza-se em múltiplas versões, traduções, edições, exemplares e cópias. Ao interpretar, ao dar sentido ao texto aqui e agora, o leitor leva adiante essa cascata de atualizações. Falo especificamente de atualização no que diz respeito à leitura, e não da realização, que seria uma seleção entre possibilidades preestabelecidas. Face à configuração de estímulos, de coerções e de tensões que o texto propõe, a leitura resolve de maneira inventiva e sempre singular o problema do sentido. A inteligência do leitor levanta por cima das páginas vazias uma paisagem semântica móvel e acidentada.¹⁶

Por isso, a obra de LÍCIA SOARES DE SOUZA é imprescindível, e no rodapé “Ficção (I)” datado de 4 de fevereiro de 1943 e dedicado à leitura de *Dois mundos*, livro de contos de AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA, ANTONIO CANDIDO, citado por RODRIGO MARTINS RAMASSOTE, indica que

Se me perguntarem qual o critério mais firme e mais imediato para se julgar uma obra de arte ou de literatura, eu direi que é o critério da sua necessidade. Necessidade, neste sentido, quer dizer a presença de uma série de razões que fazem com que a obra pareça alguma coisa que não poderia deixar de existir [...]. Este caráter é dado à obra por um conjunto de fatores, tanto internos quanto externos, que se reúnem, afinal de contas, para a sua funcionalidade, isto é, a sua razão de ser em função de certos problemas ou, simplesmente, certas características do homem ou da sociedade de uma época. Uma obra autêntica, no sentido próprio, é sempre uma resposta: uma resposta dada por um indivíduo, de mais sensibilidade ou mais penetração do que a média, aos inúmeros problemas que ele vê ou pressente em si, nos outros ou no grupo (CANDIDO, 1943b)¹⁷.

Ubique patriae memor!

TÓQUIO, segunda-feira, 24 de outubro de 2005. Da estrita historicidade de um fato rumo ao programa que se concretizaria no futuro. A partir do ser, de HEIDEGGER, fiz um mergulho na semiótica de LÍCIA SOARES DE SOUZA — entre sincronismos e diacronismos — saber utilíssimo para atuar no mundo, passado, presente e futuro. Assim, dei fluência à “palavra dicionária; isolada, estanque no poço dela mesma” a que se refere JOÃO CABRAL DE MELO NETO. A semiótica se aplica à solução de problemas e de litígios num mundo em que a própria empresa — em transe — caminha para a virtualidade:

Tomemos o caso muito contemporâneo da “virtualização” de uma empresa. A organização clássica reúne seus empregados no mesmo prédio ou num conjunto de departamentos. Cada empregado ocupa um posto de trabalho precisamente situado e seu livro de ponto especifica os horários de trabalho. Uma empresa virtual em troca serve-se principalmente do teletrabalho; tende a substituir a presença física de seus empregados nos mesmos locais pela participação numa rede de comunicação eletrônica e pelo uso de recursos e programas que favoreçam a cooperação. Assim a virtualização da empresa consiste sobretudo

¹⁶ LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, Coleção Trans, 1996, p. 35.

¹⁷ RAMASSOTE, Rodrigo Martins. Inquietudes da crítica literária militante de Antonio Candido. **Tempo social**, v. 23, p. 41-70, 2011, p.47.

em fazer das coordenadas espaço-temporais do trabalho um problema sempre repensado e não uma solução estável. O centro de gravidade da organização não é mais um conjunto de departamentos de postos de trabalhos e de livros de ponto, mas um processo de coordenação que distribui sempre diferentemente as coordenadas espaço-temporais da coletividade de trabalho e de cada um de seus membros em função das diversas exigências.¹⁸

Assim, em busca de plenitude do “discurso-rio”, digno de *O Samurai da Voz*¹⁹, fui buscar primavera no outono japonês e conferir — para melhor os compreender, o sucesso e o fracasso — o sentido e alcance concreto das liberdades de ensinar e de aprender garantidos pela Constituição. Em tal saga, o apelo às tecnologias e às virtualidades ainda incipientes no Brasil e mais adiantadas no Japão das câmaras em conta de *7.2 megapixels* e tantas novidades acolhedoras para nós brasileiros ou, ainda, uma viagem mais ampla no real-simbólico-imaginário de LACAN ou na virtualidade proposta por PIERRE LÉVY que, certamente, se opunha à alienação de qualquer ditadura ou à ditadura de qualquer alienação:

As coisas só têm limites claros no real. A virtualização, passagem à problemática, deslocamento do ser para a questão, é algo que necessariamente põe em causa a identidade clássica, pensamento apoiado em definições, determinações, exclusões, inclusões e terceiros excluídos. Por isso, a virtualização é sempre heterogênesse, devir outro, processo de acolhimento da alteridade. Convém evidentemente não confundir a heterogênesse com o seu contrário próximo e ameaçador, sua pior inimiga, a alienação que eu caracterizaria como reificação, redução à coisa, ao real.²⁰

E assim, a mobilidade, em todos esses planos, significou a retomada da “sintaxe [de um] rio que discorria” no ensinamento e no aprendizado dos extremos da estupidez e da genialidade — dos dois hemisférios das coisas; do oriente e do ocidente de minha saga transeunte para compreender os dois lados de uma situação traumática, ocorrida quatro meses antes, em 27 de junho de 2005 e o superveniente “processo de acolhimento da alteridade” porque “cortou-se a sintaxe desse rio, o fio de água por que ele discorria”²¹, discorria e comunicava, com altivez, genialidade e indiferente elegância...

Logo, somente aqueles símbolos eloquentemente simbólicos poderiam sintetizar em mim aquela “fusão dos contrários, e mais especificamente, a do abstrato e do concreto, do ideal e do material, do geral e do particular”, no exato dizer de TZVETAN TODOROV.

¹⁸ LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, Coleção Trans, 1996, p. 18.

¹⁹ Epíteto por que TAURINO ARAÚJO é conhecido. Em japonês diz-se 声の侍 (*Koe no Samurai*). V. **Taurino Araújo, O Samurai da Voz, ganha júri na terra de Lampião**. Disponível em: <https://osollo.com.br/taurino-araujo-o-samurai-da-voz-ganha-juri-na-terra-de-lampiao/> Acesso: 24 jul. 2024.

²⁰ LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, Coleção Trans, 1996, p. 25.

²¹ Idem, p. 351.

Tratava-se, pois, da imprescindível expressão do “indizível, isto é, aquilo que os símbolos não-simbólicos não chegam a transmitir”²², ainda mais imediata e ditatorialmente, como acrescentam LOTMAN & USPENSKII:

No momento de sua aparição, portanto, uma cultura não pode ser constada enquanto tal: adquire-se plena consciência dela *post factum*. Quando se fala da criação de uma nova cultura, verifica-se uma inevitável antecipação: entende-se, noutros termos, aquilo que, segundo se supõe, se tornará memória, do ponto de vista dum futuro reconstruível (e só o futuro, naturalmente, será capaz de demonstrar a legitimidade de tal conjectura)²³.

Então, reapareceria somente agora, em novembro de 2013, no futuro do meu *case*, a confluência da reconstrução de ritmos entre o histórico e a revisitação do mítico, entre o turismo sagrado e o périplo simbólico “de uma rede a outra”. Porém, as “velocidades ou qualidades de história [sempre foram] diferentes”, desde aquele outono/primavera do Japão de 2005. E assim, afirmaria PIERRE LÉVY, como se estivesse a ressaltar a relevância do percurso semiótico de LÍCIA SOARES DE SOUZA e a sua inserção e pertinência tempo-espacial, a guiar esse “nomadismo em novo estilo”, até porque,

De maneira análoga [tanto faz!], diversos sistemas de registro e de transmissão (tradição oral ou escrita, registro audiovisual, redes digitais) constroem ritmos, velocidades ou qualidades de história diferentes. Cada novo agenciamento, cada “máquina” tecnossocial acrescenta um espaço tempo, uma cartografia especial, uma música singular e uma espécie de trama elástica e complicada em que as extensões se recobrem, se deformam e se conectam, em que as direções se opõem, interferem e se respondem. A multiplicação contemporânea de espaços faz de nós nômades de um novo estilo: em vez de seguirmos as linhas da herança e da migração dentro de uma estação dada, saltamos de uma rede a outra, de um sistema de proximidades ao seguinte. Os espaços se metamorfoseiam e se bifurcam a nossos pés forçando-nos à heterogênesse.²⁴

Não fui e voltei agora ao Japão, de uma hora para outra. Precisava repensar o Direito Universal, agora, como “o lugar das pluralidades” — ensina LÍCIA SOARES DE SOUZA. Houve (e há!) um momento de passagem, em relação ao qual ainda não me dava conta, mas o pressentia: “longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2012, p. 39), objeto de superação semiosférica, e eu já estava mesmo criando sistema novo, desde 27 de junho de 2005:

Deste modo, um programa de comportamento intervém como um sistema invertido: o programa olha para o futuro do ponto de vista de quem o elabora; a

²²TODOROV, Tzvetan. **Estruturalismo e poética**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 97.

²³LOTMAN, Yuri, USPENSKII, Boris, et. al. **Ensaio de Semiótica Soviética**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1981, p. 41.

²⁴LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, Coleção Trans, 1996, p. 23.

cultura, ao invés, olha para o passado do ponto de vista da realização de um comportamento (programa).²⁵

Por isso, hoje consagrada a minha *Magnum Opus*, continuo empreendendo uma longa viagem, tanto real quanto simbólica, “valendo-me daquele fuso horário, rumo ao futuro”, agora, sob as luzes da cultura que, efetivamente, teria se constituído comportamento/programa em lidar eficazmente com o paradoxo onomatopéico e estritamente positivista de meus interlocutores de junho de 2005, em sua incompreensível inabilidade de resposta, *não no nível das palavras e das coisas, mas das unidades elementares de sua articulação*, vacilante e hermeneuticamente quase inexistente naqueles *au-au, bow-wow, ouah-ouah*²⁶, diante uma língua que, naquele 27 de junho de 2005, se lhes apresentava inteiramente nova:

- a) la corrélation entre le monde sensible et le langage naturel est à rechercher *non au niveau des mots et des choses mais à celui des unités élémentaires de leur articulation*;
- b) le monde sensible est immédiatement présent jusque dans la forma linguistique et participe à sa constitution, en lui offrant une dimension de la signification que nous avons ailleurs appelée sémiologique.²⁷

Ademais, importa considerar os variados ritmos desse mundo sensível no qual cada um inventa e constrói, empregando tempos e espaços específicos, uns mais lentos, outros mais acelerados, tudo na perspectiva adotada por PIERRE LÉVY para falar de virtualidade ou dos signos em transe, tema nuclear das investigações de LÍCIA SOARES DE SOUZA, e dos resultados por ela alcançados, mesmo nesses tempos de pandemia, isolamento e redes sociais:

Cada forma de vida inventa seu mundo (do micróbio a árvore, da abelha ao elefante, da ostra à ave migratória) e, com esse mundo, um espaço e um tempo específicos. O universo cultural próprio aos humanos estende ainda mais essa variabilidade dos espaços e das temporalidades. Por exemplo, cada novo sistema de comunicação e de transporte, modifica o sistema das proximidades práticas, isto é. o espaço pertinente para as comunidades humanas. Quando se constrói uma rede ferroviária é como se aproximássemos fisicamente as cidades ou regiões conectadas pelos trilhos e afastássemos desse grupo as cidades não conectadas. Mas, para os que não andam de trem as antigas distâncias ainda são válidas. O mesmo se poderia dizer do automóvel, do transporte aéreo, do

²⁵Idem, p.41.

²⁶Sobre *Bow-wow Theory*, v. **The origins and the evolution of language**, de SALIKOKO S. MUFWENE disponível em https://www.researchgate.net/signup.SignUp.html?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uRG93bmxvYWQiLCJwcmV2aW91c1BhZ2U0iOjwkdWJsaWNhdGlvbiJ9fQ

²⁷GREIMAS, A. J. Conditions d'une sémiotique du monde naturel. In: _____. **Du sens: essais sémiotiques**. Paris: Éditions du Seuil, 1970, p.56. Em tradução livre: a) a correlação entre o mundo sensível e a linguagem natural deve ser buscada *não no nível das palavras e das coisas, mas das unidades elementares de sua articulação*;

b) O mundo sensível está imediatamente presente mesmo na forma linguística e participa de sua constituição, oferecendo-lhe uma dimensão de significado que em outro lugar chamamos de semiológica.

telefone e etc. Cria-se, portanto, uma situação em que vários sistemas de proximidades e vários espaços práticos coexistem.²⁸

Ou, na prática, desde aquele outono/primavera do Japão em 2005, era inegável que

A tutela jurisdicional a que tem direito o cidadão não é, nem pode ser, como adverte CRISTOFOLINI, “de mera afirmação acadêmica, mas de realização concreta de direitos subjetivos”, que geralmente são sacrificados quando não encontram remédio expedito e econômico. HUMBERTO THEODORO JÚNIOR, *Revista Forense*, 271/278²⁹

Em decorrência disso, o recorrente apelo de LÍCIA SOARES DE SOUZA ao filme, à teledramaturgia e à literatura em geral, além de ser um trabalho desenvolvido em uma sociedade de várias exclusões é, sobretudo, extremamente útil para a “atualização” do leitor, constituindo-se um navegar recíproco por várias semiosferas ideológicas e reais, através do prolífico fazer dessa notável semióloga, sempre rumo ao encontro do outro, muitas vezes marginalizado, tal o retrata BAKHTIN:

Um sentido só revela as suas profundezas encontrando e contatando o outro, o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de diálogo que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas.

[...]Colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos resposta a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundezas do sentido³⁰.

É, portanto, esse fazer de LÍCIA SOARES DE SOUZA, também uma inter-invocação da origem mítica, através da pós-metafísica, que reedita e sedimenta a nossa esperança de êxito naquela “passagem do mundo da natureza para a história, [que]se define como [a superação ou destranscendência de] um dualismo entre o ser natural e *homo sapiens*, o vir a ser ou ter uma nova identidade”, a que se refere AMÓS COELHO DA SILVA, com fulcro em ERNST CASSIRER, e eu passei a denominar de o “triunfo do receptor também protagonista”, em minha *Hermenêutica da Desigualdade*.

Ora, os historiadores desde a Renascença atribuíram ao homem em geral este poder de dominação existencial sobre [as crises de sua] terra, mas, através da correta nomeação de prefixos e de coisas desenvolvido por LÍCIA SOARES DE SOUZA, ao serem assim identificadas como unidades, passam a ter significação mais robusta “no interior de

²⁸ LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, Coleção Trans, 1996, p. 22.

BARTHES, Roland. **Aula:** Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moysés. Cultrix: São Paulo. 2004, 11 ed, p. 31-32.

²⁹FRIEDE, Reis. **Direito Processual Civil Brasileiro**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996, p. 19.

³⁰BAKHTIN, M. A ciência da literatura hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*) (1970). In.: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 19.

sua respectiva comunidade linguística”, desde a palavra como “unidade semântica no âmbito da comunicação” até a construção fraseológica, definida por ÉMILE BENVENISTE como sendo a unidade semiótica no contexto de significação³¹, seguindo um rigoroso e eloquente itinerário crítico, a saber:

Assim, o termo *crise* em grego é *κρίσις*, litígio, luta, mas também significa decisão, juízo, já que o Homem ao emergir da natureza precisou lutar, porque passou do âmbito pontual das necessidades instintivas, ou seja, simplesmente comer, dormir e outras necessidades vitais, que a natureza demanda, para uma segunda alteridade, ora definida pela linguagem com sua pluralidade de objetos, quer dizer, *temos agora consciência de uma liberação do naturalismo*. (CASSIRER, Capítulo X *A História*, 1977, p. 272). E *apud* ERNST CASSIRER, na mesma passagem, ORTEGA Y GASSET, *A História como Sistema: O homem não tem natureza, o que ele tem é... história*. O sentido de “história” aqui é de *linguagem*.

Assim, “blue”, azul, numa metáfora, em inglês, é “triste, melancólico”, *blues song*, canções de “tristezas”, no entanto, em português, azul pode significar “no auge, no entusiasmo”, como em RAIMUNDO CORREIA: *No azul da adolescência as asas soltam...* No HOUAISS e no AURÉLIO não há entrada ou indicação deste sentido do poema de RAIMUNDO CORREIA. Se passarmos para a onomatopeia, verificaremos o pensamento humano com novos matizes. O mais curioso é que estamos dominados pela linguagem e não percebemos mais o “real” (...).³²

Debate-se, portanto, com fulcro em ERNST CASSIRER, citado por AMÓS COELHO DA SILVA, o ato de valorizar a resposta com base na origem mítica da (re)significação:

[...] o fato de o homem ter “consciência histórica”, como identidade ímpar sobre o planeta, mas não se concretizarem suas esperanças futuras que ficaram mergulhadas unicamente no seu passado, sob o fluxo temporal e sob o polimorfismo da vida humana. Afirma ainda que o homem, ao notar o problema do tempo, ou melhor, quando seus desejos e necessidades imediatas começaram a não ser correspondidos adequadamente, ele foi buscar resposta na origem mítica, e não mais na origem histórica.³³

Logo, sem imersão naquele ponto de vista semiótico, seria impossível para mim adentrar e compreender o transcultural e o holístico, pois não havia como chegar à sensibilidade da compreensão problemática, litigiosa, sem percorrer as 30 horas entre voos e conexões, ora em Roma, ora em Milão, tanto na ida quanto na volta, ou viver 8 anos para me aproximar da semiosfera de LÍCIA SOARES DE SOUZA “à medida que os direitos podem ser desmembrados em forças de desejos contextuais, em vez de ficarem engessados numa sempiterna rede de valores”³⁴, confrontando-me com — e revisitando — um mesmo final de outubro e início de novembro quando, de volta ao passado do fuso horário, no

³¹SILVA, Amós Coêlho da. O dicionário nas entrelinhas de pesquisas. In.: **Cadernos do CNLF, Vol. XIX, Nº 02 – Lexicografia, lexicologia, fraseologia, terminologia e semântica**. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2015, p. 392.

³²Idem, p. 392.

³³Ibidem, p. 393.

³⁴SOUZA, Lícia Soares de. **Pragmática pós-metafísica: o infradireito na literatura e cinema brasileiros**. Curitiba: Appris Editora, 2020, p. 207.

campo educacional ou político, falava ontem e hoje, amanhã e sempre, das impossibilidades de uma ditadura.

Se retornei do Japão para debater com LÍCIA SOARES DE SOUZA, OLDACK MIRANDA e EMILIANO JOSÉ, no Gabinete Português de Leitura, em Salvador, foi ali que me libertei da ditadura au-au, *bow-wow*, *ouah-ouah*, sempre invocando a concretização das liberdades de ensinar e de aprender garantidas pela Constituição, embora duas fossem as semiosferas ou única a potencial virtualidade a demarcar aquelas opções.

Por isso, com a exibição do filme “Lamarca, o capitão da guerrilha”, baseado na narrativa biográfica de mesmo nome — publicada por EMILIANO e OLDACK, em 1980 — houve o conseqüente debate sobre “o cinema na ditadura militar”, para uma audiência animada, atenta e muito participativa, bem como a reescrita do atual sentido e alcance tanto de uma traumática página da Civilização Brasileira quanto a ressignificação de um drama, para que todas as formas de ditadura e de alienação jamais se repitam.³⁵

Destarte, conforme YURI LOTMAN, um dos fundamentos da semiosfera é sua heterogeneidade na qual coexistem subsistemas em diferentes velocidades: eles se chocam com outros e mudam de repente seu aspecto e sua órbita de sobrevivência e transformação, mas, como *Proteo*, permanecem eles mesmos, e assim quase nada desaparece de qualquer coisa nestes espaços.³⁶ Esse quadro é entendido por de LÍCIA SOARES DE SOUZA como sendo um quarteto pós-metafísico; “a ideia de interatividade de HABERMAS, o pensamento evolucionário entre o pensamento e objetos de PIERCE, o tempo real dialógico, com um contexto narrativo dinâmico, de BAKHTIN, e [as apontadas] fronteiras culturais de semiosfera de LOTMAN”³⁷.

É *O realismo pós-metafísico* de LÍCIA SOARES DE SOUZA — aqui encarado em seu transcurso capaz de “agenciar inúmeros espaços de cultura em uma rede sociopolítica complexa e polifônica”³⁸ — a autorizar minha “narrativa [que já] não pode refletir mais apenas o processo de memorização política, mas ser o produto de interrelações dinâmicas

³⁵ G1 — Gabinete Português promove ações de mostra visual e exibição de filmes. Eventos acontecem entre terça-feira (12) e a quarta-feira (13), em Salvador. Gabinete fica localizado em frente a Praça da Piedade, no centro. Disponível em: <https://g1.globo.com/bahia/noticia/2013/11/gabinete-portugues-promove-acoes-de-mostra-visual-e-exibicao-de-filmes.html> Acesso em 28 jul. 2024

³⁶ LOTMAN, Yuri. *Cultura y explosión, Lo previsible en los procesos de cambio social*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999, p. 159-160.

³⁷ SOUZA, Lícia Soares de. *Pragmática pós-metafísica: o infradireito na literatura e cinema brasileiros*. Curitiba: Appris Editora, 2020, p. 207.

³⁸ Idem, 2020, p. 207.

entre memórias culturais particulares”³⁹, tudo com a finalidade de lhes recobrar mínima concretização e “destranscendência”, tanto com vistas à concretização da justiça social quanto do meu invocado direito à liberdade de ensinar e de aprender para efetiva e concreta plenitude da Dignidade da Pessoa Humana e de minha diferença, que também se inspira numa “virada linguística para construir uma racionalidade comunicativa apta a pôr em cena os contextos [daqueles] diálogos sociais”⁴⁰. Logo,

O foco do realismo pós-metafísico é analisar o desmoronamento das ideias universais de justiça, mostrando como os direitos se fragmentaram, de acordo com os contextos de diversidade cultural que a pós-modernidade autorizou. Na modernidade, os valores metafísicos entraram em crise, uma vez que na sociedade técnica não havia mais lugar para pensamentos transcendentais.⁴¹

Naquele momento, em novembro de 2013, ao falarmos de novo de Brasil, liberdade e direito a uma vida feliz — tema existencial e intelectual maior de nossa afinidade — lembrei que, sempre buscando primavera no outono japonês, me vesti de verde para participar de uma madura cerimônia de outono, em 3 novembro de 2005, enquanto o celebrante usava um tom terroso, à moda local porque, na verdade, eu queria primavera ontem, hoje, amanhã e sempre, amadurecida com os tons da boa compreensão e do outono, conforme as lentes da atualização praticada por LÍCIA SOARES DE SOUZA:

Com o símbolo, pode-se falar de “memória longa”. Segundo CANDAU, a memória longa se distingue da memória profunda que ordena os fatos em critérios cronológicos causais, lineares e organizados. A memória longa, pelo contrário, “ignora a cronologia rigorosa da História e duas datas precisas que balizam o fluxo do tempo” (ibid., p. 87). Ela confere ao tempo uma extensão maior e permite que o passado seja visto pelas lentes do presente⁴².

A título de conclusão.

Em consequência disso, parece que os deslocamentos cêntricos, temporais, reais e sociais, ou seja, a circulação e a transitoriedade das coisas, pessoas e ideias — os signos em transe — quando possuem um demarcado norte, em termos de ética e de estética, jamais importam fugas da brasilidade, mas o contrário, a atualidade, a articulação e o caráter imprescindível dos diversificados temas de LÍCIA SOARES DE SOUZA, todos explorados nessa obra coletiva que, na verdade, têm o Brasil da homenageada como norte. Destarte, com pesquisas em tantos lugares no mundo, ela sempre evoca e proclama *ubique patriae memor*. A pátria sempre na memória!

³⁹ SOUZA, Lícia Soares de. **O realismo pós-metafísico: uma sociedade de exclusão no cinema e na literatura brasileiros**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

⁴⁰ SOUZA, Lícia Soares de. **Pragmática pós-metafísica: o infradireito na literatura e cinema brasileiros**. Curitiba: Appris Editora, 2020, 4ª capa.

⁴¹ Idem. Quarta capa

⁴² Ibidem, p.221.

E, de igual modo, ante a superação de náuseas e angústias, o relato confirma o seu método semiótico: eu não teria cometido gafe ao me vestir de verde, em 3 de novembro de 2005, se eu buscava primavera naquela cerimônia de outono, como, de igual modo, novamente a buscava em novembro de 2013 — primavera de novo; a primavera é o *nove*, o prenúncio da conclusão é o *nove* e, também, o *novo* — o “tudo azul brasileiro”, a remissão ao *No azul da adolescência as asas soltam*, de RAIMUNDO CORREIA, o vocabulário ativo da “palavra dicionária”, a novidade, o azul-verde-e-amarelo, cujos sentidos exatos o AURÉLIO e o HOUAISS ainda não registram...

Em decorrência disso, se “todo signo [já em si] apresenta certo grau de interpretabilidade que lhe é próprio, antes mesmo de encontrar seus intérpretes que atualizarão e efetivarão alguns graus dessa interpretabilidade”, conforme postula LUCIA SANTAELLA⁴³, a obra de LÍCIA SOARES DE SOUZA, na potencialização deles — os signos em transe — produz significados novos e eloquentes, ainda mais nesses tempos de virtualização a que se refere PIERRE LÉVY: sem dúvida, uma obra de caráter imprescindível.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, M. A ciência da literatura hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*) (1970). In.: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

BARTHES, Roland. **Aula**: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moysés. Cultrix: São Paulo. 2004, 11 ed.

DENARDI, Davi. **O que é semiótica? E pra que ela serve no dia a dia**. Disponível em <https://revistaglifo.com.br/design-grafico/o-que-e-semiotica-e-pra-que-ela-serve/> Acesso: 3 ago. 2024

FRIEDE, Reis. **Direito Processual Civil Brasileiro**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

G1 — Gabinete Português promove ações de mostra visual e exibição de filmes. Eventos acontecem entre terça-feira (12) e a quarta-feira (13), em Salvador. Gabinete fica localizado em frente a Praça da Piedade, no centro. Disponível em:

⁴³ SANTAELLA, Lucia. Epistemologia semiótica. *Cognitio: Revista de Filosofia*, v. 9, n. 1, p. 93-110, 2008.

<https://g1.globo.com/bahia/noticia/2013/11/gabinete-portugues-promove-acoes-de-mostra-visual-e-exibicao-de-filmes.html> Acesso em 28 jul. 2024

GREIMAS, A. J. Conditions d'une sémiotique du monde naturel. In: _____. **Du sens: essais sémiotiques**. Paris: Éditions du Seuil, 1970. p.49-91

LOTMAN, Yuri, USPENSKII, Boris, et. al. **Ensaio de Semiótica Soviética**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1981.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, Coleção Trans, 1996.

LUDMER, Josefina. **Aqui América Latina: uma especulação**. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

RAMASSOTE, Rodrigo Martins. **Inquietudes da crítica literária militante de Antonio Candido**. Tempo social, v. 23, p. 41-70, 2011.

ROVENTA-FRUMUSANI, Daniela. Représentation et idéologie : Les téléromans au service de la publicité. *Réseaux : Communication – Technologie – Société*, Lannion, v. 14, n. 76, 1996, p. 178-180.

SANTAELLA, Lucia. Epistemologia semiótica. **Cognitio: Revista de Filosofia**, v. 9, n. 1, p. 93-110, 2008.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**, 28ª ed., São Paulo, Editora Cultrix, 2012.

SILVA, Amós Coêlho da. O dicionário nas entrelinhas de pesquisas. In.: **Cadernos do CNLF, Vol. XIX, Nº 02 – Lexicografia, lexicologia, fraseologia, terminologia e semântica**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015, p. 390-402.

SOUZA, Lícia Soares de. **Représentation et idéologie: les téléromans au service de la publicité**. Montréal, Les éditions Balzac, 1994.

_____. **O realismo pós-metafísico: uma sociedade de exclusão no cinema e na literatura brasileiros**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

_____. **Vozes em luta: poemas para vencer a solidão**. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

_____. **Pragmática pós-metafísica: o infradireito na literatura e cinema brasileiros**. Curitiba: Appris Editora, 2020.

TODOROV, Tzvetan. **Estruturalismo e poética**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970